

## PARENTALIDADE: ESTILOS PARENTAIS E SOFRIMENTO SOCIOEMOCIONAL<sup>1</sup>

Vitoria de Oliveira Ribeiro<sup>2</sup>

Thais Cristina Pereira Ferraz<sup>3</sup>

### RESUMO:

A família assume um papel de grande importância na vida do sujeito, sendo considerada como estrutura básica social, pois ela pode ser considerada uma das principais fontes que permite ao indivíduo a aquisição de habilidades sociais e emocionais para lidar com as adversidades da vida. A parentalidade, que é o foco deste artigo, aborda os cuidados e as interações entre pais e filhos, levando em consideração aspectos como contexto social, cultural e as subjetividades dos envolvidos. O objetivo do presente trabalho foi articular a possível relação entre estilos parentais e o sofrimento socioemocional, buscando descrever o conceito de estilos parentais, discutir o sofrimento socioemocional como efeito de estilos parentais, com foco nos estilos autoritário e permissivo ou negligente. A fim de compreender como a parentalidade afeta a aquisição de habilidades sociais e no aparecimento de patologias, buscamos abranger os estilos de parentalidade, quais se mostram mais adequados e as consequências de cada estilo nas habilidades socioemocionais dos filhos. A revisão narrativa realizada envolveu estudos que conceituam estilos de parentalidade, bem como considerações sobre instrumentos de avaliação de estilos parentais. Nesse sentido, foi possível identificar que os filhos que vivenciam os estilos parentais baseados em práticas como punição, privação de afeto, excesso de controle e negligência podem apresentar depressão e ansiedade, dificuldades em desenvolver autonomia e independência. Além disso, tais práticas podem influenciar a aquisição de novas habilidades e contribuir para elevação de ansiedade social nas várias subdimensões.

Palavras-chave: estilos parentais. Parentalidade. Sofrimento socioemocional

## PARENTALITY: PARENTING STYLES AND SOCIO-EMOTIONAL DISTRESS

### ABSTRACT:

The family assumes a very important role in the individual's life, being considered a basic social structure, as it can be considered one of the main sources that allows the individual to acquire social and emotional skills to deal with life's adversities. Parenting, which is the focus of this article, addresses care and interactions between parents and children, taking into account aspects such as social and cultural context and the

---

<sup>1</sup> Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa de Desenvolvimento Humano. Recebido em 30/10/2022 e aprovado, após reformulações, em 30/11/2022

<sup>2</sup> Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). Email: vitoriadeoliveiraribeiro95@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestra em Ciências em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). Email: thaisferraz@uniacademia.edu.br.

subjectivities of those involved. The objective of the present work was to articulate the possible relationship between parenting styles and socio-emotional distress, seeking to describe the concept of parenting styles, to discuss socio-emotional distress as an effect of parenting styles, focusing on authoritarian and permissive or negligent styles. In order to understand how parenting affects the acquisition of social skills and the emergence of pathologies, we seek to cover parenting styles, which are more appropriate and the consequences of each style on the children's socio-emotional skills. The narrative literature review carried out involved studies that conceptualize parenting styles, as well as considerations about parenting styles assessment instruments. In this sense, it was possible to identify that children who experience parenting styles based on practices such as punishment, deprivation of affection, excess control and neglect may have depression and anxiety, difficulties in developing autonomy and independence. In addition, such practices can influence the acquisition of new skills and contribute to the elevation of social anxiety in the various sub-dimensions.

Keywords: Parenting styles. Parenting. Socioemotional suffering

## 1 INTRODUÇÃO

É premissa básica, ao passo que também incontroversa que, o ser humano, ao receber o dom da vida, está ligado de alguma maneira ao seio familiar, considerado como “estrutura básica social” (FARIAS; ROSENVALD, 2011). Seja pelo instinto de perpetuação da espécie ou pelo repúdio à solidão, o fato é que a dimensão que a abarca as estruturas familiares é, sem dúvidas, muito ampla, haja vista que o seu conceito tem acompanhado as constantes transformações que permeiam a sociedade (NORONHA; PARRON, 2012).

A família se constitui como um dos principais pilares da vida psíquica das pessoas, pois é base da construção de um modelo relacional que permite criar outras relações, e o suporte familiar está relacionado aos aspectos psicológicos que possibilitam que o indivíduo elabore meios funcionais para o enfrentamento de situações adversas (SOUZA; BAPTISTA; ALVES, 2008; BAPTISTA, OLIVEIRA, 2004).

A fim de compreender como a parentalidade afeta a aquisição de habilidades sociais e no aparecimento de patologias, Baumrind (1975; BAUMRIND, 1966, 1971 apud ALBUQUERQUE, 2016) e Maccoby e Martin (1983 apud OLIVEIRA et al, 2002), elaboraram estudos com o objetivo de conceituar os estilos de parentalidade, quais

se mostram mais adequados e as consequências de cada estilo nas habilidades socioemocionais dos filhos.

O desenvolvimento socioemocional pode ser entendido como um processo de interdependência entre as competências sociais e competências emocionais (SILVA, 2019). A competência emocional está diretamente ligada a autorregulação, que se trata da habilidade de monitorar e modular a emoção, a cognição e o comportamento, para atingir um objetivo e/ou adaptar às demandas cognitivas e sociais para situações específicas (STROUF, 1995 apud LINHARES; MARTINS, 2015). A competência social é conceituada como a capacidade de articular sentimentos, ações e pensamentos, à vista de demandas individuais e culturais (SILVA, 2019). A relação pais-criança tem um papel fundamental nesta competência, pois práticas parentais baseadas em punições severas estão relacionadas com a internalização de problemas comportamentais em crianças (SILVA, 2019). Já as práticas parentais positivas contribuem para a prevenção destes problemas (SILVA; LOUREIRO, 2018 apud SILVA, 2019).

O objetivo do presente trabalho foi discutir a possível relação entre estilos parentais e o sofrimento socioemocional. Para tanto, buscou-se descrever os efeitos de estilos parentais e a identificação do sofrimento socioemocional como efeito de estilos parentais, com foco nos estilos autoritário e permissivo ou negligente.

Ao ampliar a compreensão acerca dos estilos parentais pois, tendo em vista que o tipo de relação que os pais têm com os seus filhos afeta diretamente a construção do self e os relacionamentos interpessoais, ao identificar o estilo de forma correta permite-se constatar se a educação fornecida possibilita o crescimento e desenvolvimento dos filhos de forma saudável e funcional, além de conceder conhecimento sobre práticas educativas que possibilitarão melhores estratégias de intervenções com famílias em conflito, proporcionando melhor engajamento dos pais no processo de cuidado dos filhos, reduzindo as possibilidades de possíveis patologias.

Desta forma, para construção do estudo, de natureza qualitativa e objetivos exploratórios, foi utilizada como metodologia a revisão bibliográfica narrativa. Essa estratégia se mostra apropriada para descrever e discutir o desenvolvimento ou o "estado da arte" de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual

(ROTHER, 2007). Foram selecionados artigos nas bases de dados PubMed, Scielo e Lilacs com os descritores “estilos parentais” e “sofrimento socioemocional” e suas respectivas traduções em inglês “parental styles” e “socioemotional suffering”, além de livros e teses de mestrado e doutorado que abordam os estilos parentais. Foram utilizados os artigos, teses e livros em português, além de livros em inglês de Lamborn e Diana Baumrind, e não foi estabelecido um período para a publicação. Os estudos selecionados pelas bases foram analisados, e foram inclusos somente os que abordam os estilos parentais de Diana Baumrind, pesquisas que demonstram as consequências dos estilos parentais e que traçam a relação dos estilos parentais e sofrimento socioemocional.

## **2 DIFERENCIAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E PARENTALIDADE**

A família assume um papel de grande relevância na vida do sujeito, pois a qualidade dos cuidados exercidos pela família auxilia diretamente no desenvolvimento psicossocial do indivíduo (CARDOSO; VERÍSSIMO, 2013). Ela se constitui como um dos principais pilares da vida socioemocional das pessoas, pois é base da construção de um modelo relacional que permite criar outras relações, desde as laborais, de amizade, de parentesco, até a construção de uma nova família (SOUZA; BAPTISTA; ALVES, 2008). Para Baptista e Oliveira (2004) o suporte familiar está relacionado aos aspectos psicológicos, como manifestação de carinho, atenção, diálogo, proximidade afetiva, liberdade, superproteção e independência existente entre os membros da família. Na medida em que o indivíduo percebe esse suporte, encontra forças para enfrentar situações adversas, o que traz consequências positivas para seu bem-estar, como redução do estresse, aumento da autoestima e do bem-estar psicológico (SOUZA; BAPTISTA; ALVES, 2008).

De acordo com Cerveny e Berthoud (2009), pela forma com que a o Estado e a vida social do Brasil foram se organizando, a família também passa a ser reconhecida como um fator de proteção social, sendo incumbida de prover, cuidar, proteger e transmitir valores e normas aos seus membros, tendo políticas públicas e ações sociais voltadas especificamente a elas com objetivo de fortalecê-las e

consequentemente fortalecer seus elementos, ou seja, ela deve ser amparada para que possa amparar.

Para a sociedade brasileira, a família é, formalmente, considerada a instituição formadora do indivíduo/cidadão por excelência. É conceituada de forma flexível, já que novas formas de arranjos familiares pouco a pouco vêm recebendo maior aceitação social e reconhecimento de seus direitos legais (CERVENY; BERTHOUD, 2009). As reorganizações são constantes e a parentalidade continua a ser exercida, não necessariamente pelo pai e pela mãe biológicos, no contexto da família nuclear tradicional, mas pelo arranjo que se compõe para exercer as funções parentais em relação às crianças (GORIN *et al*, 2015).

Independentemente do arranjo, é no contexto familiar que o sujeito adquire aprendizagens relevantes para sua socialização, sobrevivência e cidadania através das práticas educativas desempenhadas pelos pais, pelo ambiente, pela forma de interação e pelos limites estabelecidos pelos familiares (FACO; MELCHIORI, 2009; CASSONI, 2013). O conceito de família está mais relacionado com a característica de um grupo com ancestralidade comum, em que cada indivíduo possui o seu papel (GORIN *et al*, 2015). Já o conceito de parentalidade está mais interligado aos cuidados e interações entre pais e filhos para além da condição biológica, levando em consideração o contexto sociocultural e subjetividades (GORIN *et al*, 2015).

A parentalidade refere-se ao conjunto de atividades propostas pelas figuras parentais ou substitutas que visam assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança, num ambiente seguro, com o objetivo de socializá-la e torná-la gradativamente mais autônoma (HOGHUGH, 2004 apud SILVA e VIEIRA, 2018). De acordo com Houzel (2007), a parentalidade possui 3 eixos sendo: o exercício da parentalidade, que diz respeito aos aspectos legais como os direitos e deveres dos indivíduos no contexto familiar; o eixo da experiência, relacionado aos processos emocionais envolvidos nas práticas parentais e; o eixo da prática que envolvem os processos de interação e cuidado entre os pais e seus filhos.

Levando em consideração os processos de interação entre pais e filhos, Moro (2005) e Leibovici (2007) afirmam que a construção da parentalidade pode ser observada através de diversos aspectos como a cultura, o tempo e a história, assim como as características individuais do casal parental e a relação com os seus

descendentes, visto que os mesmos possuem papel ativo nesta interação. Nesta mesma linha, Silva e Vieira (2018) realizaram uma revisão integrativa, confirmando que tanto a personalidade individual dos pais quanto as personalidades dos pais combinadas afetam diretamente o exercício de sua prática parental. Desta forma, Moro (2005) esclarece que os elementos culturais se misturam e se imbricam com os elementos individuais e familiares de maneira profunda, gerando resultados totalmente singulares. Portanto, pode-se considerar que os conceitos de família e parentalidade são múltiplos, mas estão diretamente relacionados entre si pois abarcam não somente a consanguinidade, mas também aspectos culturais e transgeracionais (SILVA, VIEIRA, 2018).

### **3 ESTILOS PARENTAIS**

Dentre os estudos realizados sobre parentalidade, dois termos destacam-se devido sua relevância: estilos parentais que são o foco do presente artigo, e práticas parentais. Apesar de estarem diretamente relacionados, os termos possuem características distintas (CASSONI, 2013).

Estilos parentais são padrões de comportamento exercidos pelos pais que geram um clima emocional, influenciando no comportamento e nas emoções dos filhos. As práticas parentais são definidas como estratégias ou técnicas utilizadas pelos pais para reforçar ou suprimir comportamentos dos filhos com objetivo de obter o controle dos mesmos e desenvolver seus valores (WEBBER; BRANDENBURG; VIEZZER, 2003; CASSONI, 2013).

Diana Baumrind foi pioneira nos estudos dos estilos parentais e suas implicações ainda na década de 1960. Suas pesquisas foram realizadas com crianças em idade pré-escolar, evidenciando que os estilos parentais implicavam diretamente na competência social das crianças estudadas (BAUMRIND, 1971 apud ALBUQUERQUE, 2016). A pesquisa permitiu Baumrind a identificar e separar os estilos parentais em três categorias: autoritativos ou democráticos, autoritários e permissivos (BAUMRIND, 1975; BAUMRIND, 1966, 1971 apud ALBUQUERQUE, 2016).

O estilo autoritativo ou democrático define que os pais educam os filhos de forma racional e orientada, promovendo o diálogo, a autonomia, o respeito mútuo a individualidade. Neste estilo os pais ensinam as regras e valorizam a obediência, mas também demonstram afeto, há um equilíbrio entre controle e envolvimento, correção e gratificação (BAUMRIND, 1966 apud WEBBER; BRANDENBURG; VIEZZER, 2003; CASSONI 2013). No estilo autoritário os pais visam controlar o comportamento dos filhos através de regras e punições, sendo rígidos e autocráticos, exigindo o respeito a autoridade. Não há diálogo ou afeto, assim como não há a promoção da autonomia (OLIVEIRA et al, 2002). Os pais permissivos são caracterizados como afetuosos e receptivos com os filhos, porém não há o estabelecimento de regras e limites ou qualquer tipo de controle, monitoramento ou punição para comportamentos incorretos (BAUMRIND, 1966 apud WEBBER; BRANDENBURG; VIEZZER, 2003; CASSONI 2013).

Na década de 1980, baseando-se nos padrões propostos por Diana Baumrind, Maccoby e Martin (1983 apud OLIVEIRA *et al.*, 2002) propuseram um novo modelo de estilos parentais que seriam baseados em duas dimensões específicas sendo: exigência e responsividade. A exigência está relacionada com a imposição de limites e regras, são as práticas utilizadas pelos pais a fim de obter o controle do comportamento dos filhos. A responsividade se trata de práticas que os pais utilizam a fim de fornecer compreensão, comunicação e apoio aos filhos para que tenham um bom desenvolvimento.

Assim, os estilos parentais para Maccoby e Martin (1983 apud OLIVEIRA et al, 2002) seriam divididos em quatro categorias: estilo autoritário, estilo democrático ou autoritativo, e o permissivo foi subdividido em duas categorias, sendo estilo negligente e estilo indulgente. No estilo autoritário, os pais são altamente exigentes, porém pouco responsivos, possuem regras rígidas, pouca flexibilidade, diálogo e afeto, e as exigências dos filhos não são consideradas; o estilo democrático ou autoritativo é caracterizado por pais exigentes, possuem limites e regras bem estabelecidos, mas possuem responsividade, gerando um equilíbrio na relação através das demonstrações de afeto e há a escuta dos filhos em relação as suas necessidades; no estilo indulgente os pais são responsivos, mas não há exigências, regras ou limites, que afeta diretamente a aquisição de maturidade e senso de responsabilidade por

parte dos filhos; e o estilo negligente no qual os pais não possuem responsividade, tendendo a manter distância afetiva dos filhos e não são exigentes quanto as regras e limites. Importante destacar que no estilo negligente, as necessidades básicas dos filhos são atendidas, não configurando como uma violência (CASSONI 2013).

#### **4 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DE ESTILOS PARENTAIS E SEUS RESULTADOS**

A fim de identificar os estilos parentais predominantes, compreender como a parentalidade afeta a aquisição de habilidades sociais e no aparecimento de patologias, e elaborar as propostas de intervenção adequadas para cada estilo, alguns autores e pesquisadores desenvolveram ferramentas e estudos baseando-se nos modelos de estilos parentais propostos por Baumrind (1975; BAUMRIND, 1966, 1971 apud ALBUQUERQUE, 2016) e Maccoby e Martin (1983 apud OLIVEIRA et al, 2002), para classificar os pais dentro de um determinado estilo parental, Lamborn (et al, 1991) desenvolveram duas escalas para avaliar os níveis de responsividade e exigência, baseando-se nos conceitos propostos por Maccoby e Martin (1983 apud OLIVEIRA et al, 2002). A exigência parental inclui todas as atitudes dos pais que buscam de alguma forma controlar o comportamento dos filhos, impondo-lhes limites e estabelecendo regras. Já a responsividade refere-se àquelas atitudes compreensivas que os pais têm para com os filhos e que visam, através do apoio emocional e da bidirecionalidade na comunicação, favorecer o desenvolvimento da autonomia e da autoafirmação dos jovens (MACCOBY; MARTIN, 1983 apud OLIVEIRA et al, 2002). A escala foi criada em formato de questionário, em que as perguntas foram respondidas por adolescentes avaliando as práticas parentais de seus genitores, e após análise dos resultados, foi possível relacionar a competência e ajustamento na adolescência com o estilo parental identificado.

No Brasil, Costa, Teixeira e Gomes (2000) traduziram e adaptaram a escala de responsividade e exigência proposta por Lamborn (et al, 1991) para a realidade brasileira, e realizaram um estudo com 378 adolescentes estudantes do ensino médio. Para o presente trabalho, nos resultados obtidos dois pontos se fazem relevantes. O primeiro ponto é a semelhança dos resultados entre o estudo realizado com

adolescentes americanos e o estudo realizado com adolescentes brasileiros e o segundo ponto é a predominância do estilo negligente, e posteriormente o estilo autoritativo, ou seja, a maioria dos adolescentes entendem que os pais não possuem responsividade com suas demandas, e não são exigentes com relação a limites e regras.

A adaptação feita por Costa, Teixeira e Gomes (2000) possibilitou que outros estudos fossem realizados. Weber, Brandenburg e Viezzer (2003) realizaram estudo com 280 crianças com objetivo de relacionar o estilo parental adotado pelos pais e o nível de otimismo nos filhos, e identificaram, que os estilos predominantes foram 38,3% autoritativos, 38,3% negligentes, seguidos de 11,4% indulgentes; 12,1% autoritários. Primeiramente, assim como nos estudos de campo realizados por Lamborn et al (1991) e Costa, Teixeira e Gomes (2000), foi identificado a predominância de pais identificados pelos filhos com o estilo parental negligente e autoritativo, que são dois extremos da classificação. O estudo também possibilitou relacionar crianças mais otimistas com pais que praticam o estilo parental autoritativo.

Em pesquisa realizada por Weber (et al, 2004), os autores buscaram comparar a visão que os filhos tinham sobre os pais com a visão que os pais tinham sobre si mesmos. Novamente foi identificado uma alta porcentagem de pais que foram caracterizados pelos filhos como negligentes com 45,4%, e em seguida o estilo autoritativo com 32,8%, todavia, a visão que os pais tinham sobre si mesmos eram diferentes: Entre as mães, 66,1% se consideraram totalmente exigentes com seus filhos, e apenas 22,2% dos filhos as consideraram como tal. 46,4% dos pais também responderam o escore total, um percentual bem menor que o relativo às respostas das mães (66,1%), porém muito maior que o relativo às respostas dos filhos (5,4%). Weber (et al, 2004) acrescenta que essa discrepância pode ser interpretada por duas vias: a primeira sendo a tendência dos pais a responderem com base no que é socialmente aceitável, e a segunda na maneira como os filhos interpretam as práticas parentais, que pode ser incorreta.

Gomide (2006), com o objetivo de compreender as práticas parentais mais utilizadas e quais as melhores intervenções poderiam ser utilizadas pelas famílias, criou um instrumento de avaliação denominado Inventário de Estilos Parentais – IEP, composto por um questionário a ser respondido pelos filhos. O instrumento avalia sete

práticas educativas: a monitoria positiva, sobre a ciência que os pais tem acerca das atividades dos filhos e apoio em momentos de necessidade; o comportamento moral, com relação a transmissão de regras, valores e limites; a negligência, quando os pais não tem responsabilidade com as necessidades dos filhos e a falta de afeto; punição inconsistente, quando reforçam comportamentos de forma aleatória, impossibilitando que o filho compreenda se o comportamento é incorreto ou não; monitoria negativa, que está ligada a invasão de privacidade por parte dos pais quando tentam controlar a vida dos filhos, disciplina relaxada, quando os pais não exigem o cumprimento de regras estabelecidas, e o abuso físico através de punição física.

O Inventário de Estilos parentais de Gomide (2006) permite identificar qual a prática está sendo realizada em excesso ou em falta, possibilitando assim o direcionamento para a intervenção que mais se adequa para a necessidade identificada. Hutz e Badargir (2006) utilizaram da sua Escala de Estilos Parentais, assim como de outros instrumentos, para identificar a relação dos estilos parentais com patologias e sobre a indecisão profissional dos filhos. O estudo mostrou que, ao analisar os pais em conjunto, o estilo parental autoritativo e o estilo parental negligente foram os mais identificados pelos adolescentes que participaram do estudo, correspondendo a 28,7% cada.

Os resultados obtidos com as ferramentas mencionadas demonstram semelhanças com o que pode ser encontrado na literatura sobre o tema, reforçando sua eficácia. A educação através de pais do estilo autoritativo ou democrático é considerada ideal visto que como resultado, identifica-se que os filhos possuem maiores condutas de independência, responsabilidade, maturidade e bom rendimento escolar (BAUMRIND, 1967, 1971; BAUMRIND; BLACK, 1967 apud WEBBER; BRANDENBURG; VIEZZER, 2003; CASSONI 2013). Os filhos de pais autoritários são moderadamente desenvolvidos cognitivamente, não apresentam um bom desenvolvimento social, não têm sentido de orientação, e podem desenvolver patologias como depressão e ansiedade, dificuldades no comportamento social e agressividade (OLIVEIRA et al, 2002). E no estilo permissivo os filhos normalmente possuem boa autoestima, habilidades sociais positivas, todavia não possuem bons resultados em atividades escolares, menor senso de independência, autonomia e

responsabilidade (BAUMRIND, 1966 apud WEBBER; BRANDENBURG; VIEZZER, 2003; CASSONI 2013).

## **5 RELAÇÃO ENTRE ESTILOS PARENTAIS E SOFRIMENTO SOCIOEMOCIONAL**

As pesquisas realizadas por Weber, Brandenburg e Viezzer (2003), Weber et al. (2004), Rinhel-Silva, Constantino e Rondini (2012), Oliveira et al. (2012) e Pacheco (2012) apontam que os filhos que vivenciam os estilos parentais baseados em práticas como punição, privação de afeto, excesso de controle e negligência geralmente apresentam comportamentos de internalização como depressão e ansiedade.

Este fenômeno pode ser esclarecido através do conceito de ambiente invalidante de Marsha Linehan (2010) que estabelece o conceito de ambiente invalidante como o ambiente em que as experiências privadas do indivíduo não são validadas pelo meio, sendo banalizadas e desconsideradas diante dos acontecimentos ou até mesmo passíveis de punição. Com isso, todos os comportamentos vistos como negativos do indivíduo são atribuídos de forma incorreta a sua personalidade, o meio exige que o indivíduo tenha maior controle sobre suas emoções e comportamentos, mas não há por parte do meio a comunicação assertiva e diálogo necessários para que o sujeito aprenda de forma adequada a lidar com os acontecimentos (LINEHAN, 2010).

Marsha Linehan (2010) esclarece que quando a comunicação de experiências privadas é estabelecida com respostas erráticas, inadequadas e extremas, espera-se como resultado que as pessoas que são invalidadas geralmente deixem o ambiente invalidante, tentem mudar seu comportamento para que satisfaça as expectativas do meio, ou tentam se mostrar válidas para, assim, reduzir a invalidação do meio (LINEHAN, 2010). A autora ainda aponta que o ambiente invalidante faz com que a criança não aprenda a identificar e modular suas emoções, e conseqüentemente tenha dificuldades em controlar suas reações diante de eventos cotidianos, a banalização de suas demandas faz com que tenha dificuldades de realizar previsões realistas sobre acontecimentos futuros, a punição de forma incorreta gera inibição emocional ou reações exacerbadas, visto que ela possui dificuldades de compreender qual comportamento seria mais assertivo para cada situação, e a invalidação de suas

necessidades afetam diretamente a autoconfiança, visto que o meio coloca o indivíduo como incorreto (LINEHAN, 2010).

Relacionando o ambiente descrito de acordo com a proposta de Lamborn (et al, 1991), há a presença de exigências quando o meio requer que o indivíduo expresse suas emoções e comportamentos baseando-se em suas próprias vivências, e a presença de pouca responsividade quando as emoções e comportamentos do sujeito são ignorados ou diminuídos e quando não há a demonstração de afeto. Este meio pode ser caracterizado com o estilo autoritário.

Sobre transtornos da ansiedade (APA, 2013), dois estudos que exploram a correlação com estilos parentais podem ser destacados - Gouveia (2000) e Ferreira (2019). De acordo com Gouveia (2000), a ansiedade em níveis leves não prejudica o funcionamento social do sujeito. Porém, quando em níveis elevados ela pode ser prejudicial no desempenho social. Para além dos sintomas psicológicos de preocupação excessiva, apreensão e antecipação de eventos, diante de determinadas circunstâncias o indivíduo pode apresentar somatizações físicas como tensão, taquicardia e sudorese.

Ferreira (2019) buscou em seu estudo correlacionar os níveis de ansiedade dos adolescentes amostrados com o estilo parental apresentado pelos pais. O estudo foi realizado com 73 adolescentes, e consistia na aplicação de instrumentos de avaliação com o objetivo de avaliar os estilos parentais apontados pelos filhos, níveis de ansiedade social e níveis de autoestima.

O estudo de Ferreira (2019) possibilitou identificar que pais autoritários possuem altos níveis de exigência e controle e são pouco afetuosos, e este fato faz com que os filhos se tornem mais dependentes e com isso tenham dificuldades em desenvolver autonomia, afeta a aquisição de novas habilidades, contribui para valores mais elevados de ansiedade social nas várias subdimensões, prejudica a maioria das interações sociais que o adolescente estabelece no seu dia a dia, enquanto os outros estilos afetam o jovem apenas nas “situações novas”, por exemplo quando precisa de falar com desconhecidos.

Para o caso de pais negligentes, Ferreira (2019) aponta que é o que causa um menor nível de ansiedade social, todavia, os baixos níveis de responsividade e exigência dos pais faz com que os indivíduos tenham dificuldades com regulação

emocional e conseqüentemente dificuldades em relações interpessoais (FERREIRA, 2019).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão possibilitou a compreensão de que o estilo parental ideal é o democrático, com regras bem estabelecidas associados ao diálogo e afeto. Este estilo permite que o indivíduo tenha referências positivas e funcionais para a construção de sua personalidade e conseqüentemente nas suas relações sociais e na forma de lidar com os acontecimentos cotidianos. Ao identificar as inconsistências e conflitos provenientes dos estilos parentais, podem ser delineados melhores estratégias de intervenção de nível familiar com objetivo de melhorar a convivência entre pais e filhos, buscando alternativas mais flexíveis e equilibradas no que diz respeito aos níveis de exigência e responsabilidade dos pais, para que os mesmos cumpram seu papel de fornecer a formação, integração e desenvolvimento adequado aos filhos.

Os estudos das práticas parentais e fazem relevantes pois se tratam das ações e técnicas utilizadas pelos pais na interação com os filhos, ou seja, como eles impõem aos filhos o seu estilo parental, podendo ser útil também para elaborar melhores estratégias para que a relação entre pais e filhos sejam mais saudáveis e funcionais.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Sandra Daniela Quental de. **Gênero e estilos parentais**: Um estudo sobre a relação entre gênero dos pais e dos filhos e práticas de estilos parentais. 2016. 41 f. Dissertação de mestrado em educação – Instituto Superior de Educação e Ciências. Lisboa, 2016. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/19163/1/vers%C3%A3o%20final.pdf>

Associação Psiquiátrica Americana. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V-TR**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2022

BAPTISTA, Makilim N.; OLIVEIRA, Andréia A. Sintomatologia de depressão e suporte familiar em adolescentes: um estudo de correlação. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v.14, n.3, p. 58-67, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/40168/43034>

BAUMRIND, Diana. **The contributions of the family to the development of competence in children**. California: University of California, Berkeley, 1975.

CARDOSO, Jordana; VERÍSSIMO, Manuela. Estilos parentais e relações de vinculação. **Revista Análise Psicológica**, v. 4, n. 31, p. 393-406, 2013. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/807/0>

CASSONI, Cinthya. **Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento**. 2013. 203 f. Tese (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, 2013. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-14122013-105111/publico/MESTRADO\\_CYNTHIA\\_CASSONI.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-14122013-105111/publico/MESTRADO_CYNTHIA_CASSONI.pdf)

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira; BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. Ciclo vital da família brasileira. In: OSORIO, Luiz Carlos et al. **Manual de Terapia Familiar** (p. 25-37). Porto Alegre, Editora Artmed, 2009.

COSTA, Fabiana T. da; TEIXEIRA, Marco A.P.; GOMES, William B. Responsividade e Exigência: Duas Escalas para Avaliar Estilos Parentais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.13, n.3, p. 465-473, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/xPRZKWCmHVHrdzwL6HDHwRd/?lang=pt&format=pdf>

FACO, Vanessa Marques Gibran; MELCHIORI, Lígia Ebner. Conceito de Família: adolescentes de zona rural e urbana. VALLE, Tânia Gracy Martins do (Org.). **Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. (Coleção PROPG Digital - UNESP). Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/109318>

FARIAS, Cristiano Chaves; ROSENVALD, Nelson. **Direito das Famílias 3º edição**. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2011.

FERREIRA, Diana Isabel Tereso. **Influência do estilo parental nos níveis de ansiedade social e autoestima em adolescentes**. Tese (Mestrado em Psicologia) – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, 2019. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/288868471.pdf>

GOMIDE, Paula Inez Cunha. **Inventário de estilos parentais: Modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

GORIN, Michelle Christof et al. O estatuto contemporâneo da parentalidade. **Revista SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 3-15, 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702015000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200002&lng=pt&nrm=iso)

GOUVEIA, José Pinto. **Ansiedade Social: da Timidez à Fobia Social**. Coimbra: Quarteto Editora, 2000.

Houzel, D. As implicações da parentalidade. In: SILVA, Maria Cecília Pereira; SOLIS-PONTON, Leticia (Org.), **Ser pai, ser mãe – Parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio** (p. 47-51). São Paulo, Editora Casa do Psicólogo, 2007.

HUTZ, Claudio Simon; BARDAGIR, Marúcia Patta. Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: a influência dos estilos parentais. **Revista Psico-USF**, v. 11, n. 1, p. 65-73, jan./jun. 2006. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/psuf/a/n59hYc9rcLP5bR5bwBSG8Gn/?format=pdf&lang=pt>

LAMBORN, et al. Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. In: BERK, Laura E. (Org.). **Child Development**. Boston, Holt Rinehart & Winston, 1991.

LEIBOVICI, Serge. Diálogo Leticia Solis-Ponton e Serge Leibovici. In: SILVA, Maria Cecília Pereira; SOLIS-PONTON, Leticia (Org.), **Ser pai, ser mãe – Parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio** (p. 21-27). São Paulo, Editora Casa do Psicólogo, 2007.

LINEHAN, Marsha M. **Terapia cognitivo-comportamental para transtorno de personalidade borderline**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2010.

LINHARES, Maria Beatriz Martins; MARTINS, Carolina Beatriz Savegnago. O processo da autorregulação no desenvolvimento de crianças. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 32, n. 2, p. 281-293, 2015. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/HGWM5kyQb744C3YkT6YgKGp/?format=pdf&lang=pt>

MAINARDES, Liliane Wielewski Pobbe. **Estilos parentais e risco de problemas de comportamento em crianças inseridas em um serviço de Proteção Básica do Sistema Único de Assistência Social**. 2018. 54 f. Tese (Pós-Graduação em Psicologia) - Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2018. Disponível em:  
<http://www.uel.br/pos/pgac/wp-content/uploads/2018/05/Estilos-parentais-e-risco-de-problemas-de-comportamento-em-crian%C3%A7as-inseridas-em-um-servi%C3%A7o-de-prote%C3%A7%C3%A3o-b%C3%A1sica-do-sistema-%C3%BAnico-de-assist%C3%A2ncia-social.pdf>

MANGOLINI, Vitor Iglesias; ANDRADE, Laura Helena; WANG, Yuan-Pang. Epidemiologia dos transtornos de ansiedade em regiões do Brasil: uma revisão de literatura. **Revista de Medicina**, São Paulo, v.98, n. 6, p. 415-422, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/144226>

Moro, Marie Rose. Os Ingredientes da Parentalidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v.8, n.2, p. 258-273, 2005. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/xLBgQnQgn97TcxkwhMhHbWg/?format=pdf&lang=pt>

NORONHA, Ana Paula Porto; BATISTA, Helder Henrique Viana. Escala de forças e estilos parentais: estudos correlacionais. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 8, n. 2, p. 2-19, Dez. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072017000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072017000200002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 24 Set. 2021

NORONHA, Maressa Maelly Soares; PARRON, Stênio Ferreira. A evolução do conceito de família. **Revista Pitágoras**, v. 3, 2012. Disponível em: [http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20170602115104.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170602115104.pdf)

OLIVEIRA, Ebenézer A. de, et al. Estilos Parentais Autoritário e Democrático-Recíproco Intergeracionais, Conflito Conjugal e Comportamentos de Externalização e Internalização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.15, n.1, p. 1-11, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/3HMph3tgkNjwR7zNRRBVWfG/?lang=pt&format=pdf>

PACHECO, Janaína T. B.; TEIXEIRA, Marco A. B.; GOMES, William B. Estilos Parentais e Desenvolvimento de Habilidades Sociais na Adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 15 n. 2, p. 117-126, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/rg5m9Ryx5HMRq5FG39BMDLS/?format=pdf&lang=pt>

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, v.20, n.2, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/apel/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?format=pdf&lang=pt>

SILVA, Juliane lima Pereira da. **Relações Familiares e desenvolvimento socioemocional infantil em contextos de vulnerabilidade social**, 2019. Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

SILVA, Maria Luiza lusten da; VIEIRA, Mauro Luíz. Relações entre a parentalidade e a personalidade de pais e mães: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 361-383, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/38125>

SOUZA, Mayra Silva de; BAPTISTA, Makilim Nunes; ALVES, Gisele Aparecida da Silva. Suporte familiar e saúde mental: evidência de validade baseada na relação entre variáveis. **Aletheia**, Canoas, n. 28, p. 32-44, dezembro de 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942008000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000200005&lng=pt&nrm=iso)

WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj; BRANDENBURG, Olivia Justen; VIEZZER, Ana Paula. A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. **Revista Psico USF**, Itatiba, v. 8, n. 1, p. 71-79, junho de 2003. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712003000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712003000100010&lng=pt&nrm=iso)

WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj et al. Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Rio Grande do Sul, v.17, n.3, p. 323-331, 2004. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/prc/a/xP7PmbNp3Q5W76DPMzL935C/abstract/?lang=pt>